

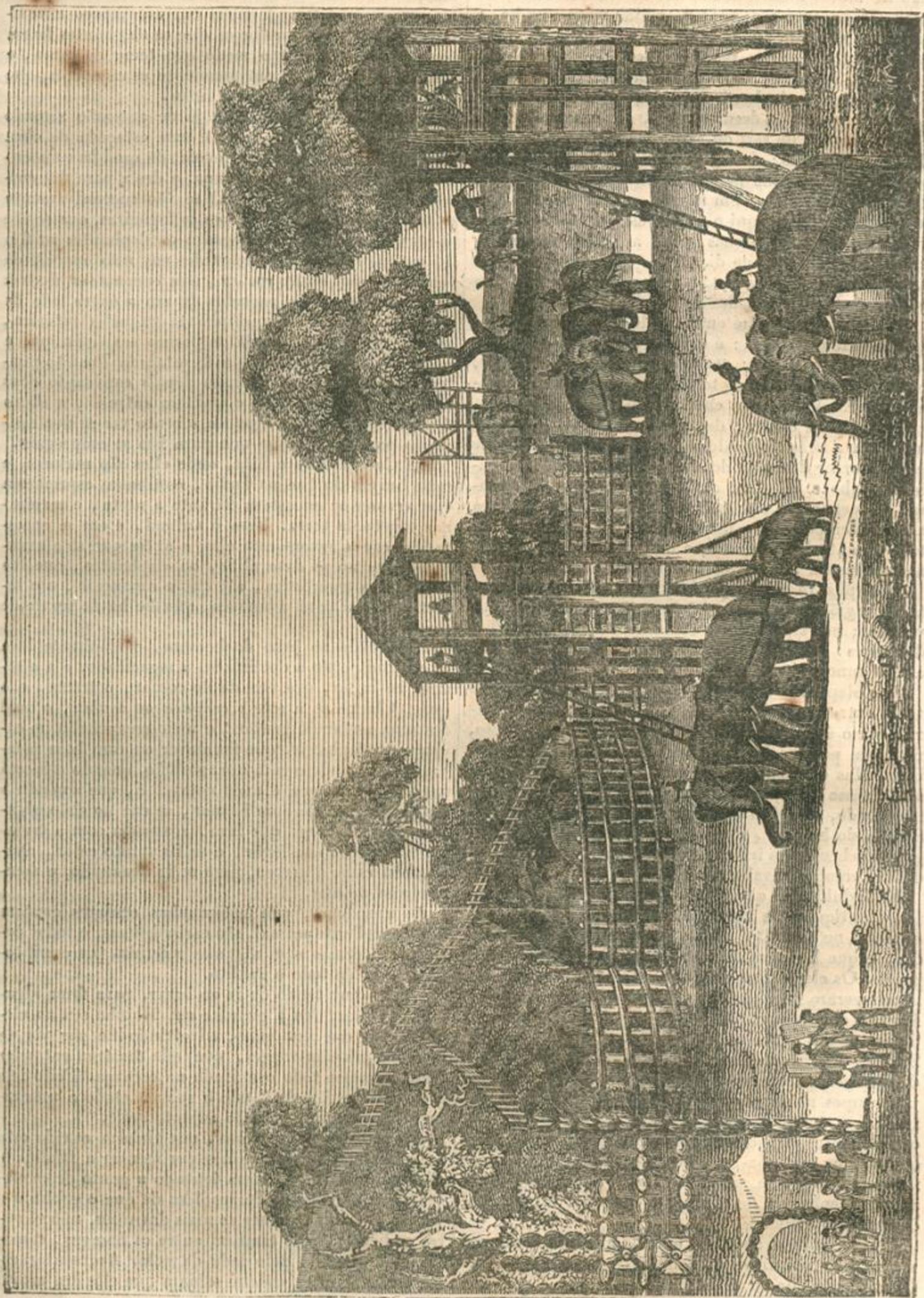
# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

66) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 4, 1838



MODO D'APANHAR ELEPHANTES BRAVOS EM CEILÃO.

## O ELEPHANTE.

*Noticias curiosas ácerca deste animal.*

Não pretendemos neste artigo dar uma descripção zoologica deste nobre animal: sobre a sua estrutura diremos só o necessario: reuniremos, porém, aqui, ácerca d'elle, varias circumstancias, que nos parece hão de mover a curiosidade dos nossos leitores.

O elephante é o animal de maior vulto que ha, e tambem, se assim podemos dizer, o de mais claro entendimento. Aquella maquina bruta collocada sobre 4 pernas informes, encerra um instincto maravilhoso. Tem um elephante ordinario doze a quinze pés d'altura: a cabeça desmesurada, orelhas pendentes, e uma tromba de seis ou sete pés de comprido, que lhe serve de tudo; de mãos, de nariz, de braços. Cobre-lhe o corpo uma pelle acinzentada, calva, cheia de rugas, e gretada, com alguns montes de asperissimo pello salpicado aqui e acolá: os pés são como uma virola no topo das pernas, com as unhas rachadas, em cinco dedos nos de diante, e em quatro nos de traz. A cauda é pequena, e acaba por uma borla de pello semelhante ás sedas do javali.

A tromba pende-lhe entre as duas enormes presas, que lhe saem da boca: é ouca, e elle a estende e encolhe á sua vontade: acaba esta especie de focinho por um dedo, ou colchete elastico, com que elle pôde apanhar flores para cheirar, do que muito gosta, e fructos para comer; debulhar uma espiga ou uma maçaroca; tirar de qualquer algibeira um bocado de pão; agarrar dinheiro do chão; destapar uma garrafa de vinho e bebe-la; abrir uma porta com a chave, ou levantar a aldrava; tirar o chapéu da cabeça a qualquer pessoa, e tornar-lho a pôr: emfim fazer tudo quanto lhe ensinam, e que um homem poderia naturalmente fazer só com as mãos.

O elephante habita na Africa e na Asia; frequenta as regiões humidas e pantanosas, e de bastos arvoredos; no estado bravio comeervas, arroz e folhas d'arvores: o tempo, que vive, regularmente é de 150 a 200 annos.

Se o elephante tivesse a inclinação destruidora, que tem outros animaes; se fosse tão feroz e sanguinario, como é terrivel, pelas forças, volume, e aspecto, ninguem poderia habitar nos logares onde elle existisse. Mas o desenho da natureza foi que este animal se deixasse facilmente amangar, e que, depois de domesticado, se sujeitasse, como uma creança, á voz e á mão do homem, e que este achasse naquelle agigantado bruto um instrumento tão docil aos seus mandados, como o cavallo e o boi.

E' indubitavel que a arte de subjugar os elephantes é antiquissima na Asia. Sabem todos que Poro os tinha no exercito, com que accommetteu Alexandre, e que levavam ás costas castellos armados, com gente. Os elephantes de Poro foram os primeiros que appareceram na Europa; e talvez os mesmos de que Pyrrho se serviu muitos annos depois, na guerra de Tarento, dos quaes veio um a Roma, segundo refere Seneca. Assim, na India, os elephantes ensinados e disciplinados formavam o nervo dos exercitos; mas nos tempos modernos, desde que os portuguezes introduziram naquelles paizes o uso das armas de fogo, os elephantes armados foram tendo menos valia, porque não ha costuma-los a ouvir o ruido do fogo, sem fugirem. Hoje, se ainda os reis do Indostão armam alguns elephantes de guerra, é mais por ostentação, do que por utilidade.

Os modos de os apanhar, quando andam bravos nos matos, são mui diversos. Em Ceylão e na India usam do methodo que se vê na nossa estampa, e que é o

seguinte: Quando se sabe que em algum sitio anda manada de elephantes, cerca-se o bosque ao redor, ás vezes em um circulo de trinta milhas, de grandes fogueiras, que se conservam continuamente accesas. Estas fogueiras são feitas em estrados movediços cobertos de terra, sobre a qual se põe a lenha.—Vão os caçadores, que ás vezes são uns poucos de mil homens, levando para a frente estes estrados todos os dias, e o circulo estreita-se cada vez mais, até que a manada vem a ficar fechada em um espaço mui limitado. Apesar dos esforços que os elephantes fazem para fugirem, tal é o medo que tem do lume, e taes gritas lhes dão continuamente os caçadores, que não se atrevem a romper a linha.

No centro do circulo está já de antemão armado o laço em que devem cair: é uma estacada de obra de uma milha de circumferencia, da qual ha uma entrada para outra mais pequena, e desta para um corredor estreito, para o qual se vão successivamente enxotando os elephantes, com as fogueiras, que se vão approximando delles. Chegados os elephantes ao fim do corredor, acham-se mettidos em uma especie de funil: querem então recuar; mas encontram já atraz de si grossas traves passadas de um a outro lado da estacada. Mettido um elephante naquella ratoeira, atiram-lhe laços de corda ás pernas e ao pescoço, e os caçadores postos no topo da estacada lhe dão pontoadas com as lanças, vindo depois conduzi-lo dous elephantes mansos, que o mettem entre si, e não o deixam fugir. Pouco a pouco o bruto vae-se domesticando por varios meios que para isso se empregam.

Na Cochinchina e Sião, onde elles são maiores, e mais bravos do que na India, costumam espreitar a que arvores se encostam durante a noite, e serram-nas juncto da terra. Vem o animal, e em se encostando, cae a arvore com elle, e antes que se alevantepõe-lhe ao pé duas aliás, ou elephantas, que lhe dão tantas trombadas, até que o amangam, e o levam entre si para a barraca, que lhe ha de servir de prisão.

Habitado ao jugo do homem, o elephante leva ao ultimo ponto a docilidade, a sagacidade, e a amizade ao indio, que lhe dá de comer, o tracta, e o guia. Chama-se a este o *cornaca* ou *mahut*, o qual costuma andar de joelhos, e meio escanchado no catchão do elephante, que faz mover ou com boas palavras, ou picando-o com um agulhão, quando elle está emperrado. O que é mais notavel é, que quando o elephante está de bom humor, se cae no chão alguma cousa da carga que leva, a apanha com a tromba e a põe no seu logar, e se faz muito calor, apanha seu ramo d'arvore, para se ir abanando, e sacudindo as moscas.

As anedotas, que testemunhas oculares contam deste excellente animal, são variadissimas, e todas curiosas: poremos aqui algumas referidas por escriptores dignos de todo o credito.

Um mahut tendo de ir ao bazar, para fazer algumas compras, deu a guardar um filhinho seu ao elephante de que era guia, advertindo-lhe por via de recommendações vocaes, que elle mostrou entender bem, tomasse todo o cuidado na creança. Feito isto o cornaca se foi, deixando o guarda atado a uma estaca, e a creança no chão adiante d'elle.

Alguns officiaes inglezes, que tinham ouvido esta recommendação, quizeram experimentar a fidelidade do animal, e se poderiam tenta-lo a ponto de esquecer a sua obrigação. Persuadidos de que o egoismo o venceria, como acontece as mais das vezes, não só entre os brutos, mas tambem entre os homens, começaram a ataca-lo pelo lado da gula. Apresentaram-lhe varias fructas, de que sabiam que elle era muito

gulosos, não duvidando de que largasse a guarda da creança, para se dar todo ao gosto de as comer. Enganaram-se, porém. Com olhos longos na fructa, o elephante não buliu, todavia, comsigo. Alguns officiaes procuraram então com um laço corredo puxar para si a creança. Enfureceu-se o elephante, e nem sequer a furto tornou a olhar para os pomos: o nobre animal fitou os olhos nos seus tentadores, de tal modo, que parecia estar offendido da affronta, que faziam á sua probidade, e que tambem estava inclinado a tomar disso crua vingança. Ficaram, pois, os officiaes logrados. Voltando o mahut dahi a pouco, o animal pegou com a tromba na creança, poz-lha nos braços, e olhando com ar benevolo para os officiaes, acceitou a fructa que lhe offereciam, e comeu-a com toda a satisfação.

Outro caso que revela no elephante uma especie de raciocinio é o seguinte: Certo pintor tendo vontade de desenhar um elephante n'uma postura extraordinaria, isto é, com a tromba levantada e a boca aberta, tinha comsigo um creado, que para conservar o animal nesta postura contrafeita, lhe atirava constantemente para o ar varios fructos; mas como o elephante os pilhava e engolia n'um instante, iam-se-lhe já acabando, e por isso ás vezes fingia só que lh'os atirava. Deixou-se enganar o elephante por um bocado; mas por fim perdeu a paciencia. Cuidaria qualquer que, para se vingar, elle faria algum mal ao creado; mas não succedeu assim. Tinha observado que o pintor, que estava lá a um canto, era o causador deste engano, e que dava ordens ao outro: fingindo, por isso, estar muito quieto, desabou-lhe em cima uma torrente d'agua, que tinha na tromba, e estragou-lhe o desenho, em que via esfava trabalhando.

O nosso Fr. João dos Santos, na Historia da Ethiopia oriental, dedica tres capitulos da sua obra á descripção e costumes deste animal. No ultimo refere varias anedotas dos elephantes da India assaz curiosas, com as quaes poremos fim a este artigo.

“Alguns elephantes d'elrei andam na ribeira da cidade de Goa, occupados no serviço della, o qual fazem por mandado dos nayres [cornacas] que os governam, a quem obedecem; e entendem tudo quanto lhes dizem e mandam, como se fossem racionaes.”

“De um elephante destes, que houve na ribeira, se conta, que tendo o nayre rota a caldeira, em que lhe fazia de comer, e dizendo-lhe que não tinha em que lh'o fazer, mostrando-lhe a caldeira assim rota, lhe disse: hoje terás paciencia, que não has-de comer. Pelo que o elephante tomou a caldeira com a tromba, e foi-se ao ferreiro d'elrei, que trabalha na mesma ribeira, e mettu-lhe a caldeira na mão. Vendo o ferreiro que a caldeira estava rota, entendeu, que lh'a trazia para concertar, e assim o fez, e tornou-lha a dar concertada, esperando elle sempre por ella, sem se tirar da porta do ferreiro, até que lh'a concertasse. E depois que lh'a entregaram foi-se com ella ao rio, que estava defronte, e mettu-a dentro, e levantando-a para cima com a tromba, olhava por baixo, para ver se se ia como d'antes; e vendo que não, se foi com ella para casa, e a deu ao seu nayre, para que lhe fizesse de comer.”

“Outro elephante houve nesta ribeira, chamado Perico, muito nomeado e conhecido na India. Este era grande bebado; e todas as vezes que passava por alguma casa, onde estivesse ramo de vinho, se punha á porta, mettia dentro a tromba, e não se bulia d'alli, até lhe não darem de beber. Os taberneiros, que já lhe sabiam esta manha, tanto que o viam á sua porta, lhe deitavam vinho na tromba, que elle apparava para isso; e nella o recolhia, e bebia, fazen-

do muita festa; e depois disso fazia seu caminho. Algumas pessoas, que lhe sabiam esta habilidade, lhe davam dinheiro para um quartilho, ou meia-canada de vinho, o qual dinheiro elle tomava na tromba, e levava logo á taberna, e dando-o ao taberneiro, apparava a tromba, para lhe medirem nella o vinho; e se lh'o não dava muito bem medido, que trasbordasse por fóra da medida, não o queria tomar.”

“Succedeu um anno, que este elephante, dando-lhe o cio, foi fugindo pela cidade, bravo como um touro, e muita gente apoz elle, correndo e bradando, que fugissem delle; e passando desta maneira pela porta de uma taberna, onde lhe costumavam dar de beber, achou uma creança da mesma casa na rua, e conhecendo-a, teve-lhe tanto respeito, que nenhum mal lhe fez, antes a tomou com a tromba mansamente, e a poz sobre o telhado da casa, que era terrea, no que fez grande bem á creança; porque, além de a não matar, a livrou de a pisar a multidão de gente, que apoz elle vinha correndo desattentadamente.”

“De outro elephante da ribeira se conta, que andando um dia ajudando a lançar os navios da armada ao rio, lhe mandou o nayre, que pozesse a cabeça na pópa de um navio, e que o lançasse ao rio, como costumam sempre fazer. Poz o elephante a cabeça no navio, e fez força para o lançar por duas vezes; mas não pôde, porque o navio era muito grande e pesado. Pelo que pelejou [rallou] o nayre com elle, chamandolhe fraco e molle, que sendo vassallo d'el-rei de Portugal, tão poderoso, não prestava para deitar um navio ao mar. O elephante tomou estas palavras em grande affronta, e em caso de honra; pelo que remetteu terceira vez ao navio, e pondo-lhe a cabeça, fez tanta força, que o lançou ao mar, e junctamente arreventou, e caiu logo morto.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NOS 2 MEZES DA PRIMAVERA DE 1838. POR M. M. FRANZINI.

Abril de 1838.

Temperatura média das madrugadas  $51.0$  [ $8.0\frac{1}{2} R$ ].  
 D.<sup>a</sup> ás 2 horas da tarde . . . . .  $64$  [ $14.0$ ].  
 D.<sup>a</sup> geral do mez . . . . .  $57,6$  [ $11.0\frac{1}{2}$ ].  
 Maior variação diurna  $23.0$  [ $10.0$ ] a 13, e 17.  
 Menor „ „  $6.$  [ $2\frac{1}{2}$ ] a 22.  
 Variação média diurna  $13.$  [ $5\frac{1}{2}$ ].  
 Maior fr.  $43$  [ $5.0 R$ ] a 25.—Maior cal.  $76.0$  [ $20.0 R$ ] a 13.  
 Barometro.—Maior altura  $761,7$  [ $29,94 P$ ] a 17.  
 Menor „  $747,2$  [ $29,41$ ] a 3.  
 Média do mez  $756,0$  [ $29,76$ ] —

Estado da atmospheria.—Dias de chuvas brandas 4.—Dias de chuvas abundantes 4.—Total 8 dias em que caíram 38 m. [ $1,4$  polleg.], ou 11 almudes por braça quadrada, o que equivale a metade da chuva que costuma haver regularmente neste mez.

Aspecto do mez.—Nos primeiros 9 dias esteve o ar fresco, não excedendo a  $63.0$  a temperatura das horas mais quentes do dia, soprando ventos variaveis e fracos do SO. ao NO., e NE. Houveram 5 dias de pequenas chuvas, sendo porém a do dia 7 muito abundante em Lisboa aonde caíram 19 mill.<sup>5</sup> d'agua, desde as 2 até ás 4 horas da tarde. Este forte aguaceiro limitou-se aos arredores de Lisboa, e margens superiores do Têjo. No dia 10 aqueceu repentinamente a atmospheria, e assim continuou por 4 dias, elevando-se o thermometro nas horas quentes até  $76.0$ ; as madrugadas continuaram frescas, de sorte que houve dias em que as duas temperaturas variaram  $23.0$  [ $10.0 R$ ] em poucas horas.—Este intempestivo calor foi repentinamente substituído por

uma temperatura fria, que começou no Sabbado de alleluia com ventos mui rijos do NO. e N., os quaes, com algumas interrupções, continuaram até ao fim do mez, baixando o thermometro a 43.<sup>o</sup>, no dia 25, em cuja madrugada appareceu geada em alguns sitios. Aquelles ventos sopraram com violencia por 11 dias, especialmente a 14, e desde 18 até 25. — Estas tempestades foram muito mais violentas nas provincias septentrionaes da Hespanha, sobre cujas elevadas serras cabiu muita neve.

Segue-se pois que a temperatura d'Abril foi muito irregular, e em geral assás fria, com a atmosphera sêcca, e mui ventosa, sendo por consequencia os pomares e outros arvoredos muito castigados, especialmente nos sitios elevados.

A 29 deste mez, pelas 4 hor. da tarde, sentiu-se em Coimbra um abalo de terra, que foi assás sensivel.

#### Maio.

Temperatura média das madrugadas 55.<sup>o</sup> [10.<sup>o</sup> $\frac{1}{2}$  R].

„ ás 2 horas da tarde . . . 69. [16 $\frac{1}{2}$ ].

„ geral do mez . . . . . 63. [14].

Maior variação diurna 22.<sup>o</sup> [9 $\frac{1}{2}$ ] a 6, e 10.

Menor „ „ 6. [2 $\frac{1}{2}$ ] a 1, e 19.

Variação média diurna 14. [6 $\frac{1}{2}$ ].

Maior fr. 43.<sup>o</sup>[7.<sup>o</sup>] a 5—Maior cal. 76.<sup>o</sup>[19 $\frac{1}{2}$ ] a 10, e 31

Barometro.—Maior altura 760,0 [29,92 pol.] a 18.

Menor „ 746,5 [29,39] a 16.

Méd. do mez 753,7 [29,67].

*Estado da atmosphera.*—Dias de chuvas brandas ou chuveiros 8, em que caíram 3.<sup>m</sup> de agua.—Dias de chuvas abundantes 9, em que caíram 97.<sup>m</sup>—Total 17 dias, e 100.<sup>m</sup> [3,7 pol.], ou 29 $\frac{1}{4}$  almudes por braça quadrada, o que equivale a 2 $\frac{1}{2}$  vezes a chuva que costuma haver regularmente neste mez.

*Aspecto.*—Começou o mez de Maio com uma copiosa chuva de 18.<sup>m</sup> [ $\frac{2}{3}$  pol.] extremamente proveitosa a todas as sementeiras e arvoredos, a qual veio compensar a escacez das regas tão desejadas no mez antecedente, cujos ventos e frios tinham seccado notavelmente os terrenos. Assim continuou até ao dia 3, em que houve uma abundante chuva de 30.<sup>m</sup> [1,1 pol.], a qual em alguns sitios causou inundações; porém na serra de Cintra foi enorme. As suas encostas lançaram torrentes de agua, que causaram notaveis prejuizos em Cintra, Collares, Mafra, Penhalonga, e Cascaes, derribando muros, sementeiras e muitas arvores, principalmente nestes ultimos dois sitios, aonde a cheia excedeu as maiores que alli se tem observado. Seguiram-se dois dias muito frios para a estação, baixando o thermometro a 48.<sup>o</sup> [7.<sup>o</sup>] na madrugada de 5. Estas chuvas, e as que depois se seguiram alagaram alguns terrenos baixos, taes como os campos de Leiria, e outros, causando prejuizo ás sementeiras temporaãs. — Desde 6 até 10 predominaram os ventos de SO. a N. com apparencias de trovoadas que não se desinvolveram, e desde esta ultima epocha até ao fim do mez foram constantes os ventos de SO., que sopraram com violencia em 8 dias alternados com ventos mais brandos, mas sempre do mesmo quadrante. O barometro conservou-se baixo, e o estado da atmosphera correspondeu ao annuncio mantendo-se coberta com repetidos chuviscos, e algumas vezes chuvas abundantes, taes como as de 12, 14, 16, 26 a 28, pelo que se pôde concluir que foi este mez muito chuvoso, fornecendo tanta agua como o Dezembro de 1837, quantidade que excede ao duplo da que costuma cair regularmente em Maio. — Como porém as sementeiras dos cereaes se tinham quasi todas feito muito tarde, em consequencia das copiosas chuvas do inverno, não deixaram por isso de ser proveitosas as deste mez.

Em geral a primavera deste anno foi quasi regular quanto ás chuvas, pois só excedeu uma pollegada a quantidade média, sendo porém notavelmente fria a sua temperatura, e assás ventosa.

Neste mez sentiram-se alguns abalos de terra nas encostas meridionaes da serra de Montejuncto, especialmente na Lourinhaã, Aldea-Gallega da Merciana, Villa-Verde, e Villa-Franca; porém não se pôde saber as circumstancias de que foram acompanhados, e os dias em que tiveram lugar.

*Observações agronomicas de Mafra.*—Em geral os pomares rebentaram mais tarde do costume; as arvores de caroço mostraram muita flor, mas vingaram poucos fructos, exceptuando-se as lorangeiras, e limoeiros.—As oliveiras promettem muito.—As arvores silvestres e os mattos tem prosperado com a abundancia das chuvas, mas algumas, taes como as fayas, tem sido poderosamente atacadas pelas formigas, e morilhão. As vinhas tambem se atrazaram no seu desinvolvimento, por effeito do frio e chuvas, sendo accommettidas em grande força pelo pulgão, o qual gerou immensidade de lagarta, sendo difficil a cava em muitas partes por causa da humidade do solo.—Os trigos e cevadas serodias vão bem; não succedendo assim aos temporaões, os quaes, nos sitios baixos, ou pereceram, ou tem creado muita herva e joio, pelo que muitos lavradores os ceifaram para verde, substituindo-lhe a sementeira de milhos, os quaes promettem abundante colheita.—Os legumes tem produzido bem nos terrenos seccos, ainda que em alguns dos humidos tem apodrecido o feijão.—Do que fica referido parece que a colheita geral em Mafra não será tão abundante como se esperava.

No decurso deste mez houveram grandes tempestades e chuvas nas provincias meridionaes da França. Nos arredores de Bordeos aconteceram grandes desastres, e muitas arvores foram derrubadas pelos ventos. Em Perigueux uma terrivel saraiva devastou os campos. No Departamento do Cher ainda os prejuizos foram maiores. Na noite de 29 caíram torrentes de chuva e saraiva, e em menos de meia hora as casas dos bairros baixos de Sauxoins foram submergidas, e seus habitantes obrigados a fugir.

Terminaremos este artigo offerecendo os resultados das observações feitas no decurso de 14 primaveras, relativamente ás quantidades de chuva fornecidas nos mezes d'Abril e Maio dos annos respectivos.

| Chuva média para os dois mezes, deduzida dos primeiros 10 annos de observação . . . . . | Dias de chuva. | Mill. | Pol. |
|---|----------------|-------|------|
|   | 21             | 111   | 4,2  |
| <i>Primavera de 1816</i>  | 27             | 172   | 6,4  |
| „ „ 1817  | 25             | 122   | 4,5  |
| „ „ 1818  | 30             | 148   | 5,5  |
| „ „ 1819  | 33             | 196   | 7,3  |
| „ „ 1820  | 19             | 93    | 3,5  |
| „ „ 1821  | 15             | 91    | 3,5  |
| „ „ 1822  | 23             | 113   | 4,2  |
| „ „ 1823  | 18             | 33    | 1,4  |
| „ „ 1824  | 8              | 39    | 1,4  |
| „ „ 1825  | 20             | 88    | 3,2  |
| „ „ 1835  | 15             | 39    | 1,4  |
| „ „ 1836  | 14             | 65    | 2,4  |
| „ „ 1837  | 10             | 20    | 0,7  |
| „ „ 1838  | 25             | 138   | 5,1  |

**HISTORIA DE ADÃO, SEGUNDO OS MUSSULMANOS.**  
SEGUNDO a crença dos livros mussulmanos, querendo Deus formar o corpo de Adão, empregou para esse effeito diversas castas de terra, que todas differiam na cor e na qualidade: é por isso que ha homens bran-

cos, pretos, avermelhados, e amarellas; é por isso que tão diversos são os genios, temperamentos, e caracteres dos homens. Refere Kondemir que tendo Deus resolvido formar Adão, ordenou a Gabriel lhe trouxesse um punhado de terra de cada um dos sete andares da terra. Voou Gabriel, e veio declarar á terra que Deus queria tirar-lhe das entranhas o com que formasse o homem, que a havia de reger como delegado de Deus. Atemorisada a terra com este pedido, rogou a Gabriel representasse ao Senhor, o quanto receava, que essa creatura se revoltasse tambem algum dia contra o seu Creador, e chamasse sobre ella a sua maldicção. Gabriel compadecido expoz a supplica a Deus, que persistindo no intento, fez baixar o anjo Miguel, o qual voltou inclinado a favorecer o pedido. Enfadado Allah destas objecções mandou então Asrael, o qual sem cumprimento, desculpa, nem preambulo, tirou violentamente sete punhados de sete diferentes leitões ou andares da terra, e levando-os para a Arabia, os depoz em um logar que jaz entre as cidades de Thahief e da Méca. O modo desabrido, e despiadado com que Asrael se houve para com a terra, moveu o Senhor a confiar-lhe a missão de separar os corpos das almas d'alli em diante. É Asrael, Abou-Jahia, Mordah, o anjo da morte.

Amassada aquella terra por mãos de anjos, Deus a affeioou com as suas proprias, e a figura que lhe deu esteve depois de sêcca exposta por muito tempo no mesmo logar á vista dos anjos, que a examinavam muitas vezes. Eblis, tocando-lhe um dia no peito e no ventre, disse, ao ver que eram oucos: "Esta creatura, que hade ser vazia, terá muitas vezes precisão de encher-se, e por conseguinte será sujeita a muitas tentações."

Todavia Deus animou aquelle barro, introduziu-lhe uma alma, deu-lhe a idéa de todas as sciencias e virtudes, dotou-o de um espirito intelligente, e cubriu-lhe o corpo de vestidos maravilhosos, quaes convinham á sua dignidade. O capitulo *Araf* do Alcorão exprime-se desta maneira: "Nós vos temos dado vestidos vindos do ceu, uns para vos cubrir o corpo, outros para vosso ornamento e defeza; porém o mais precioso de todos estes vestidos é a tunica da piedade e da innocencia, que sobre vós lançamos. Adão apenas a conservou no paraizo metade de um dia. É certo que contendo o dia inteiro mil annos, equivalia aquella metade d'um dia a um periodo de cinco seculos."

Foi depois deste donativo que Deus mandou aos anjos adorar a Adão como imagem sua; a maior parte obedeceram. Só o demonio Eblis e alguns dos seus companheiros no orgulho recusaram faze-lo.

Quando Allah quiz obriga-lo a ajoelhar, e que elle lhe desobedeceu, perguntou-lhe a causa da sua rebeldia. "A nossa natureza é mais etherea do que a deste homem, que de lodo formaste, lhe disse Eblis, porque nos creaste d'uma materia subtil e luminosa, e a deste homem é terrena, grosseira e tenebrosa." Eblis quiz tambem imitar o Creador, e pretendendo fazer um homem, creou o macaco. Eblis foi amaldiçoado, e o seu logar no paraizo conferido a Adão, porém quando se viu expulso jurou vingar-se em Adão e na sua posteridade. A Biblia e o Alcorão dão provas de que o anjo iracundo manteve a palavra.

Consummadas assim estas grandes obras, tirou Allah do lado esquerdo de Adão, em quanto este dormia, uma costella, da qual lhe formou a mulher, Eva, Navah.

Pouco depois vedou o Senhor a Adão que comesse o fructo de certa arvore, que era a arvore do mal. Foi então que Eblis meditando sempre a vingança se associou, para a pôr em practica, com a serpente,

e o pavão, que entre os arabes é o symbolo da vaidade.

Chegando-se a Eva e Adão, taes ardis empregou, que depois de um longo e astucioso discurso, comeram um pedaço do fructo defezo; mas apenas lhes entrara no estomago esse pedaço, soltaram-se e caíram-lhes aos pés as vestimentas com que Allah os cubrira, o que lhes deu a conhecer o crime que haviam perpetrado. Attonitos e envergonhados á vista da sua nudez, correram para uma figueira para que suas folhas lhes servissem de roupas, e então ouviram da boca de Deus estas palavras terriveis, conservadas no Alcorão: "Descei, e saí deste logar!... Vireis a ser inimigos uns dos outros; e tereis na terra habitação e sustento por um tempo limitado!" E assim foram expulsos do paraizo.

Acurvado com as miserias da vida, ermo de todo o consolo, depois que Eva sua mulher se ausentára, confessou Adão a sua culpa, e ergueu as mãos ao ceu para lhe pedir compaixão. O Creador, apiedado pela sua penitencia, fez baixar por mãos de anjos um tabernaculo ou tenda, que veio a pousar no sitio onde Abrahão edificou depois a Kaaba, ou templo de Méca. Gabriel, anjo sempre benevolo, ensinou-lhe as ceremonias que devia practicar ante o sanctuario, para reconciliar-se com Deus. Havendo Adão cumprido os preceitos do anjo, este o transportou logo para a montanha de Arafat, nome que lhe foi dado, em memoria do encontro de Adão com Eva sua mulher, depois de uma separação de mais de duzentos annos.

Então se retiraram para a ilha de Serndib [Ceylão] onde multiplicaram a sua familia, tendo Eva vinte partos de dois gemeos, um do sexo masculino, e outro do feminino.

#### DESTRUIÇÃO D'AURIA.

[Continuado de pag. 239].

#### IV.

ERA noite: mas noite daquellas em que o existir é um prazer bem doce — placida e quieta por tal modo, que devia inspirar ao coração humano o amor da paz e da piedade. O ceu, a terra, o ar, tudo parecia trasbordar de alegria, ora soando o harmonioso murmurio da viração, ora quando tudo jazia adormecido no silencio do repouso.

Tal era a noite.—E n'uma tenda sumptuosa a formosa Elfrida esperava a chegada de seu novo senhor. Cuberta de roupas magnificas, que o Moslem lhe tinha mandado: as joias brilhantes [que talvez tinham sido suas] lhe coroavam de novo a nobre fronte e lhe circumdavam o puro seio. Um grande numero de desconhecidos esperavam mudos as suas ordens, e um silencio não interrompido reinava naquella camara sumptuosa. Tão profundo era elle, que Elfrida tinha caído n'um lethargo, de que a despertou um suspiro saído do proprio seio, e que bem indicava as idéas tremendas, que lhe passavam pela mente. Neste instante, porém, ella reassumiu todo o vigor da sua alma; e a resolução que tomara se tornou inabalavel. Elfrida estava mudada: — e quanto mudada! — Os seus olhos, tão meigos antes, brilhavam agora com um fulgor descostumado, e as bellas fórmulas do seu corpo estavam convulsas, bem que ella o procurasse esconder. Sinistros eram por certo os pensamentos que dominavam o seu coração.

Um estrepito de passadas e vozes lhe deu a conhecer que Abdelazim chegava. Elle com effeito entrou seguido do renegado. O ar magestoso d'Elfrida parecia have-lo deslumbrado: entretanto ella, vendo que o interprete se ia retirar, lhe fallou na linguagem do

paiz, que o seu novo amante não entendia.—“Godo, lhe disse, corre; e conduz dois cavallos ligeiros para perto d'aqui. Volta immediatamente, que já me acharás prompta.” Abdelazim ficou espantado do ar de auctoridade com que ella pronunciou estas palavras; mas um sorriso de Elfrida asserenou suas suspeitas; e fallando tambem com o velho, lhe disse em arabe: “Vai-te e manda embora os outros servos—eu me demorarei aqui.” Immediatamente foi obedecido.

Elfrida ajoelhou vagarosamente ao aproximar-se della o arabe. O seu longo e branco véo lhe cobriu o corpo inteiro. O amoroso barbaro se inclinou para ergue-la, e quando hia a pronunciar as doces palavras que o interprete lhe ensinára.—“Não temas, senhora”—o punhal de Elfrida lhe rasgou as entranhas. Elle caíu—Elfrida ficou outra vez só.

Com o sanguento punhal apertado na mão, ella sahiu do quarto. Ligeiramente e sem estrépito, mas trémula e com as faces ardentes, passou o acampamento dos mussulmanos. Alli encontrou o godó, que apressado a procurava. Por medo ou por avareza, ou, talvez, porque um sentimento religioso e patriótico havia voltado ao seu coração, elle cumprira a palavra. Com tudo ao ver o ar desvairado e ameaçador d'Elfrida ficou horrorisado.

“Abdelazim é morto!”—ouvindo isto o velho recuou de terror—“mas tu, godó, cumpriste o teu dever.” Então, arrojando de si as joias que a enfeitavam, proseguiu. “Recebe esses objectos de maldicção!—As riquezas que te prometti encontra-las-has nos subterraneos, que existem debaixo das ruinas do mais sumptuoso palacio que havia em Auria.” Nada mais disse; e voltando as redeas ao cavallo, em que já tinha montado, fugiu na direcção das montanhas do norte.

Ai! Ella não sabia que Affonso era vivo; nem elle os actos heroicos do inextinguivel amor de Elfrida. Os plainos de Auria não tinham sido para Affonso o leito de morte. Exhaurido de forças, caíra entre o montão dos mortos e moribundos; mas enfim despertou do seu desmaio, e pôde salvar-se. Brevemente souberam os mouros, á propria custa, que ainda vivia! Mas onde estava elle nesta noite medonha, em que Elfrida fugia sósinha do campo dos infieis?

Os habitantes do visinho valle contaram que naquella noite se ouviram os agudos gritos de Elfrida, ao passar na proximidade de suas choupanas solitarias, e que ressoára o galope do seu cavallo, subindo a encosta da parte menos accessivel da montanha. O vento conduzia ainda ao longe o alto e amargo riso da sua desesperação; mas ella nunca mais foi vista. Um cavallo ricamente ajaezado appareceu solto juncto das habitações da aldéa:—muitos diziam que era o della; mas outros pelo contrario affirmavam que não, e que Elfrida vivera longo tempo, ermando em distantes montanhas, donde ás vezes nas longas noites de inverno voltava sósinha, e montada no seu cavallo bravio, á habitação querida da infancia; porém que, aproximando-se alguém, logo desaparecia.

E ainda agora, muitas vezes, ao anoitecer, segundo dizem os credulos camponezes, a alma errante de Elfrida anda pelas planicies de Auria. Tambem os velhos contam haverem visto o seu espectro nas noites de alguns invernos, que já lá vão ha muito, e que as mesmas creancinhas se arripiavam, ao ouvir nas horas da modorra os seus altos clamores de afflicção. Agouro de máu fado é o escutar os sons inarticulados destas almas errantes: assim, quando ressoa a voz nocturna da *dona de Auria*, todas as raparigas do valle resam, e fazem promessas aos sanetos da sua maior devoção.

#### MULTIPLICIDADE DOS NOSSOS ANTEPASSADOS.

É SABIDO que, segundo o sentir dos physiologistas, o sangue de nossos avós se mistura nas nossas veias: a doutrina da consanguinidade é, com effeito, clarissima; mas não póde deixar de fazer admiração a prodigiosa quantidade de avoengos que cada um de nós tem, contando dez ou doze gerações antes de nós. No primeiro gráu temos dois parentes; pae e mãe: no segundo, quatro; o avô e a avó do lado paterno, e o avô e a avó do lado materno: no terceiro gráu, outro; a saber; o pae e a mãe do avô paterno, o pae e a mãe da avó paterna, e outros tantos do lado materno; assim por diante n'uma progressão, constante em todos os gráu, e tão rapida que na vigessima geração, contando de diante para traz, qualquer pessoa tem mais d'um milhão de vigessimos avós, e mais de dois milhões de antepassados, como é facil de provar pelo seguinte calculo:

| Gráu de consanguinidade. | N.º de antepassados. |
|--------------------------|----------------------|
| 1                        | 2                    |
| 2                        | 4                    |
| 3                        | 8                    |
| 4                        | 16                   |
| 5                        | 32                   |
| 6                        | 64                   |
| 7                        | 128                  |
| 8                        | 256                  |
| 9                        | 512                  |
| 10                       | 1,024                |
| 11                       | 2,048                |
| 12                       | 4,096                |
| 13                       | 8,192                |
| 14                       | 16,384               |
| 15                       | 32,768               |
| 16                       | 65,536               |
| 17                       | 131,072              |
| 18                       | 262,144              |
| 19                       | 524,288              |
| 20                       | 1,048,576            |

#### PESSOAS QUEIMADAS SEM SE SABER COMO.

ENTRE as doenças que affligem a humanidade, a mais mysteriosa em suas causas, e mais espantosa nos seus effeitos é a combustão humana espontanea. Desconhecida dos antigos, esta doença, cuja existencia foi muito tempo duvidosa, é hoje tida sem a menor duvida, por um phenomeno positivo, posto que não explicado. Consiste na inflammação e incendio espontaneo do corpo humano, tanto interior como exteriormente. Este incendio ou combustão quasi que só acontece em pessoas dadas ha largo tempo e com excesso ás bebidas espirituosas. Semelhantes pessoas se incendiam e consomem, sem que seja possivel extinguir a chamma que as devora. Esta chamma, absolutamente igual, quanto á sua volatilidade, e cor azulada, á que despede a aguardente ou alcohol acceso, parece concentrar toda a sua energia no corpo humano, onde se desinvolveu, sem comtudo se communicar a outro qualquer objecto que toque nesse corpo. Não exhalando fumo algum em quanto vae lavrando, não produzindo calor, não deixando nenhum vestigio de sua passagem, tóca, sem as alterar, nas mais inflammaveis substancias: arde, sem fazer mal a cousa nenhuma, salvo á sua victima; mas nesta, tem poder e actividade espantosos. Ossos, pelle, carne, entranhas, nervos, musculos, tudo é devorado, consumido, reduzido a pó. Alguns punhados de cinzas, amontoados no lugar onde a victima pereceu, e a gor-

dura derretida á roda dellas, é o que resta do cada-ver: e sómente os cabellos, que nem se crestam, dão testemunho de que essas cinzas são de ente humano. Ás vezes escapa algum membro da combustão, mas immediatamente se dissolve em podridão.

Apesar de todas as investigações dos medicos sobre um phenomeno tão extraordinario, sendo felizmente mui raros os casos d'elle, as explicações são ainda incompletas, e até contradictorias. Os systemas, propostos para explicar como o corpo humano se predispõe para tal incendio, e como se consome quando o fogo rebenta, não são geralmente recebidos; e nem sequer se concorda nas circumstancias que são necessarias para que o incendio comece. Alguns escriptores affirmam que o corpo em certo estado, póde abraçar-se espontaneamente, sem se pôr em contacto com o fogo; mas o maior numero d'elles pensa que para se dar a inflammção é necessario que alguma parte do corpo, particularmente a bocca, esteja chegada a qualquer fóco de lume. Esta opinião funda-se na maior parte dos factos, que a observação tem comprovado; porque, em todos elles, parece que o fogo foi communicado, por algum brazeiro, fogão, ou vella accesa, aos individuos que devorou o incendio.

Posto que raros, como dissemos, estes horriveis accidentes, se renovam talvez todos os annos. Duas vezes, desde uma epocha muito recente a imprensa publicou casos de incendio espontaneo do corpo humano, acompanhados ambos de circumstancias extraordinarias. Em um d'elles o fogo fatal consumiu no mesmo incendio um homem e sua mulher, que faziam immoderado uso de bebidas espirituosas; e suppoz-se que, tendo-se declarado em um d'elles a combustão, o outro lhe quizera acudir, e se incendiara tambem pelo contacto. No outro caso, só morreu uma mulher; mas todos os phenomenos, que caracterizam a combustão espontanea, appareceram com uma energia e clareza singulares. A maior parte do corpo ficou reduzido completamente a cinzas, sem que o quarto em que tivera logar a combustão mostrasse o menor vestigio de fogo. A mulher tinha-se incendiado ao pé da chaminé, segundo todas as probabilidades, no momento em que pertendia espertar o lume, asoprando as achas accesas. Nenhum signal de queimadura apparecia nos trastes que estavam proximos, e nem sequer n'uma cadeira, sobre a qual parecia que ella caíra. Uns pedaços de pelle de carneiro, com que estavam forrados os tamancos, que tinha nos pés, nem chamuscados estavam, bem que pela posição dos fragmentos do cadaver, elles deviam ter ficado no fóco do incendio.

A combustão espontanea já tinha sido provada na idade média e nos seculos posteriores; mas considerada como um successo milagroso, não tinha aberto o caminho a nenhuma observação scientifica e positiva. Tanto assim, que, no principio do seculo passado, foi accusado de crime capital um homem por ter morto sua mulher, queimando-a depois, para se não dar com o crime. Os accusadores não tinham hesitado á vista da impossibilidade physica de destruir com fogo um corpo humano, dentro de um quarto, sem que nelle ficassem vestigios de incendio.

Por via de regra a morte de apoplexia se segue immediatamente ao primeiro signal de combustão espontanea: ás vezes, todavia, a victima arde a fogo lento antes de expirar, e nos annos da medicina se encontra um caso de certo homem, que só morreu quatro dias depois de nelle se ter desenvolvido o incendio espontaneo, que o consumiu no meio de horriveis tormentos.

## MAGISTRADOS FEITOS A' PRESSA.

Os Estados-Unidos da America apresentam uma instituição unica no seu genero: é esta a dos chamados *reguladores*, especie de magistrados populares, cujo ministerio explicaremos.

Os Estados-Unidos, que sacudiram o jugo da Inglaterra, fórman uma região extensissima, e que pela maior parte estava inculta e despovoada na occasião da independencia, e que hoje contém uma grande população. Não foi só pelos meios ordinarios que ella augmentou: as colonias europeas a tem feito em grande parte progredir; mas estas, compostas muitas vezes da escoria das differentes nações, tem levado para o novo mundo os vicios da velha Europa. Para conter estes vicios que inficionariam brevemente os naturaes do paiz, se creou a magistratura de que acima fallámos.

Tem ella por mister o punir promptamente os crimes que se commettem nas colonias recentemente fundadas; e que, sendo, muitas vezes, só compostas de malfitores, e homens devassos, brevemente se aniquilariam, se as infracções das leis fossem punidas pelos tribunaes ordinarios, cuja acção é tardia, e muitas vezes frouxa.

Quando nas novas colonias um individuo viola as leis, commette um assassinio ou um roubo, affronta declaradamente a decencia e a probidade, as pessoas notaveis da povoação escolhem entre si algumas que encarregam de examinar e punir o culpado. Estes são os *reguladores*. Pela primeira vez são punidos os delictos com o desterro. O criminoso deve sair do districto onde commetteu o crime, dentro de um prazo certo de tempo. Se tem a audacia de tornar a apparecer naquelles arredores, e cair em novas culpas, mofino d'elle! Os reguladores o declaram banido: queimam-lhe a casa, e elle, amarrado a uma arvore, é agoutado sem misericordia. Se lhe provam algum assassinio premeditado espingardeam-no, e cortam-lhe a cabeça, que espetam em um póste erguido. Toda esta severidade é necessaria para a segurança destas colonias, no berço ainda. Ouçamos a Mr. Audubon, escriptor americano de grande nomeada, contar a historia de um destes banidos.

“Os navegadores do Baixo Ohio, e do Mississipi, ainda se não esqueceram do nome de Masson, o Rob Roy do occidente da America ingleza. Era um homem agigantado, manhoso, valente, incansavel, e que, capitaneando um troço de gente bem armada, e numerosa, causava pavor por todas as cercanias. Tinha feito assento nos confluentes do Ohio, e do Mississipi, e a maior parte das barcas razas, que vinham pelo rio abaixo, eram por elle roubadas. Pretos, cavallos, mantimentos, armas, dinheiro, tudo lhe caía nas mãos. Em todo o occidente dos Estados-Unidos retumbava o seu nome terrivel. — Conhecia perfeitamente os logares por onde andava, e uma muvem de espias, a quem pagava, o avisavam de qualquer perigo; e por isso escapou muito tempo ás perseguições. Alguns *reguladores* se ajustaram, e ligaram, por fim, para livrar aquelle paiz de um hospede tão funesto.”

“Andando elles em busca de Masson por toda a parte, cortando por todos os caminhos e recantos, um d'elles o encontrou, certo dia, montado n'um excellente cavallo. Fingiu que não o conhecia, e continuou seu caminho com todo o vagar, observou-o de largo, e tanto que o viu sumir no concavo d'um rochedo para alli passar, provavelmente, a noite, meteu esporas, foi buscar soccorro, e trouxe d'uma aldeia visinha um troço de homens resolutos. Quando chegaram já Masson estava desperto, e os primeiros

que o atacaram, custou-lhes a vida o atrevimento; nem os outros o poderam colher ás mãos, senão morto, depois de um acceso combate. Pegaram, então, no cadaver, cortaram-lhe a cabeça, e queimaram-lhe uma casa que tinha no povoado. Este terrivel trophéu indica unicamente hoje o lugar onde ella existia.”

Mr. Audabon assistiu a ontras muitas execuções, é verdade, que menos cruentas do que esta. Era, segundo elle diz, peregrino espectáculo ver ali quinze ou dezeseis reguladores a cavallo, formando circulo, com a clavina ao hombro, e, no meio delles, o culpado recebendo maior ou menor porção de açoites. Entre outros casos que refere, conta o de um mancebo, que não commettera, nem roubo, nem assassinio; mas que tinha incorrido em querer espalhar no districto certos costumes dissolutos que trouxera da Europa. O castigo não foi de morte, nem até severo de mais: todavia a pena, que os reguladores, e ao mesmo tempo, legisladores, juizes, guardas-municipaes, carcereiros e algozes, lhe applicaram é bastantemente curiosa, e deve ser citada. Condemnaram-no a correr nu por um campo de urtigas, e este passeio, sem lhe causar mal nenhum real, o poz em lengoes por uns poucos de dias. Tanto que se curou, saíu do districto, tendo aprendido, muito á sua custa, quanto sae caro o transplantar no Novo Mundo os vicios da velha Europa.

#### A CALDEIRA E O SINO.

AINDA não ha muitos annos se conservava no claustro do mosteiro cisterciense de Alcobaça uma caldeira de bronze, que segundo a tradição constante era uma das que o nosso rei D. João 1.<sup>o</sup> tomara, nos despojos da batalha de Aljubarrota a elrei D. João 1.<sup>o</sup> de Castella. Quando Philippe 2.<sup>o</sup> se apossou do reino de Portugal, na visita que fez ao paiz conquistado, foi ver, entre outros logares e edificios notaveis, o mosteiro de Alcobaça. Chegando ao claustro perguntou para que era aquella enorme caldeira, pósta, ao que parecia, inutilmente naquelle lugar. — Contaram-lhe então a tradição que havia áquelle respeito, da qual elle não gostou muito, como era natural. Alguns fidalgos, que o acompanhavam, disseram, para o lisongear, mostrando menoscabar o monumento da gloria do velho Portugal, que seria melhor empregar aquelle monte de bronze, que alli estava inutil, em fabricar um grande sino, que serviria para algum templo. Um castelhano, que se achava entre os cortesãos, querendo mostrar aos portuguezes, quanto o seu procedimento era baixo, disse então a Philippe 2.<sup>o</sup>: “Senhor, aconselho a V. Magestade que tal não faça; porque se uma caldeira *sôa* tanto, que fará se fôr convertida em sino?”

BIAS, um dos sete sabios da Grecia, dizia que dos animaes ferozes o mais temivel é um tyranno; e dos domesticos o peor um lisongeiro. —

Boileau era pontualissimo em concorrer aonde promettia ir; porque [dizia elle] tenho sempre observado que os que estão á espera entretem-se em passar revista aos defeitos da pessoa que os faz esperar.

#### ETYMOLOGIA DE AGOSTO.

AGOSTO era o sexto mez do calendario albano, e ficou sendo o oitavo no de Numa; mas continuaram a chamar-lhe *sextil* ou *sexto*, até o tempo de Octavio Cesar, mais conhecido pelo nome de Augusto; na qual

epoca o senado para lhe render a mesma homenagem que tinha rendido a Julio Cesar, decretou que este mez, em que Octavio tomara, pela primeira vez, posse do consulado; em que celebrara 3 triumphos; reduzira o Egypto a provincia romana, e dera paz ao imperio lacerado por discordias civis, fosse denominado *Augustus*, donde veio a palavra Agosto.

Este mez era consagrado, pelos antigos, a Ceres, deusa das searas e ceifas. O modo porque mais communmente se representa o mez de Agosto é por uma mulher formosa, de avantajada estatura, coroada de espigas de trigo, e com feixes dellas mettidos em ambas as mãos. Esta representa tambem ao systema astronomico, porque o sol entra pelos fins do mez em um dos signos do zodiaco, chamado *virgo*, ou o signo da virgem.

Annos  
de  
J. C.

#### SEMANARIO HISTORICO.

Julho 29.

1499 — Entra na barra de Lisboa Vasco da Gama, voltando do descobrimento da India.

30

1718 — Morte do celebre Guilherme Penn, de que tirou o nome a provincia de Pennsylvania na America ingleza. Outros poem a data da sua morte em diverso dia.

31

1556 — Morte de Ignacio de Loyola, fundador da companhia denominada de Jesus. Tinha quarenta annos de idade quando concebeu o projecto de formar uma nova sociedade religiosa, e dez annos trabalhou para alcançar a sanção do papa; comtudo foi tão rapido o progresso da ordem, que, antes da morte de Loyola, os jesuitas tinham mais de cem collegios, além das *casas professas*. No principio do seculo 17.<sup>o</sup> calculou-se que havia 20:000 jesuitas, sujeitos a um preposito geral cuja auctoridade era absoluta.

1784 — Fallece Diderot, um dos principaes redactores da encyclopedia franceza.

Agosto 1.

1492 — Colombo descobre o continente da America.

1589 — Henrique 3.<sup>o</sup> de França é assassinado por Jacques Clemente, frade dominico.

1600 — Fallece em Coimbra o celebre escriptor Fr. Amador Arraes, bispo de Portalegre. Compoz dez dialogos sobre diversas materias, que lhe grangearam grande reputação.

2

1802 — Napoleão é proclamado consul vitalicio.

3

1645 — Primeira e memoravel victoria alcançada pelos portuguezes contra os hollandezes em Pernambuco. Henrique Hus general dos inimigos tendo atacado os nossos no sitio chamado as Tabocas, é repellido e derrotado pelo celebre João Fernandes Vieira, fugindo com grande perda.

4

1578 — Batalha de Alcacer-quivir, em que se perdeu D. Sebastião com a flor da gente portugueza.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.<sup>o</sup> 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.